

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

OS ROMANOS E A MORTE:
UMA EXPERIÊNCIA DE TRADUÇÃO DE EPITÁFIOS EM LATIM

Bolsista: Manuel Rodrigo da Silva Oliveira, FAPEAM

MANAUS
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-H/0010/2010
OS ROMANOS E A MORTE:
UMA EXPERIÊNCIA DE TRADUÇÃO DE EPITÁFIOS EM LATIM

Bolsista: Manuel Rodrigo da Silva Oliveira, FAPEAM
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Michele Eduarda Brasil de Sá

MANAUS
2011

Lista de Figuras

Figura 1	Portal do Cemitério São João Batista – Manaus/AM	5
Figura 2	Epitáfio romano – Museu da Civilização, Roma	11

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
3	ESTUDO DOS EPITÁFIOS ROMANOS	10
3.1	Da etimologia do termo ‘epitáfio’	10
3.2	Da importância dos epitáfios em latim	10
3.3	Do ofício de lapicida: do corte da pedra à inscrição.....	11
3.4	Do método de identificação do defunto.....	12
3.4.1	O <i>praenomen</i>	13
3.4.2	O <i>nomen</i>	14
3.4.3	O <i>cognomen</i>	14
3.5	Da publicidade dos epitáfios	14
4	INSCRIÇÕES	16
4.1	Da seleção dos epitáfios	16
4.2	Das traduções.....	17
4.2.1	De caráter lamentoso	17
4.2.2	De caráter de consolação	20
4.2.3	De caráter de identificação	22
4.2.4	De caráter didático.....	23
4.2.5	De caráter jocoso	25
5	CONCLUSÃO.....	27
6	FONTES E REFERÊNCIAS.....	28
7	CRONOGRAMA.....	29

1 INTRODUÇÃO

Es, bibe, lude, veni.
 “Existe, bebe, brinca, vem.”
 (Epitáfio romano)



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/lorenafpimentel/4176214811/sizes/z/>

São intrigantes as palavras expostas no portal do Cemitério Municipal São João Batista, sito no bairro Adrianópolis (Manaus, AM). Pode não passar de um enigma, evidência de um tradicionalismo religioso, uma frase em latim sem significado para os que não conhecem a língua. Contudo, “ainda que seja marca de tradicionalismo, ainda que seja uma língua morta, não se pode negar a presença do latim” (WILLIAMS, 1973, p. 15). A tradução da frase que consta na imagem – “meta dos trabalhos” – aponta para a efemeridade da vida humana, semelhante ao *pulvis et umbra* (“pó e sombra”) dos antigos romanos, aproximando-se da máxima *Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas regumque turris* (“A pálida morte bate com pé igual as choupanas do pobre e as torres dos reis).

Os antigos romanos, cuja herança recebemos em muitos aspectos, tinham uma relação com a morte que revela atitudes contrastantes: o lamento, o pesar, tão intrinsecamente associados ao momento de perda de um ente querido, dá lugar às vezes à ironia, ao humor diante da inevitabilidade do morrer. Um exemplo disto é o epitáfio B244, traduzido a seguir:

*Quod edi bibi, mecum habeo, quod reliqui, perdidit.*¹

(“O que comi e bebi, tenho comigo; o que deixei, perdi.”)

Este trabalho teve o objetivo de pesquisar, traduzir e comentar alguns epitáfios romanos, selecionados numa das maiores bases de dados que disponibilizam textos clássicos: *The Latin Library* (<http://www.thelatinlibrary.com>). A partir dos epitáfios traduzidos, foi possível levantar aspectos relacionados ao modo dos antigos de compreender a morte. A metodologia utilizada para este estudo foi basicamente a bibliográfica. Como base teórico-metodológica, foram utilizados como referência autores como Paul Veyne, José d’Encarnação, Pierre Grimal, Jean-Pierre Vernant e Oswaldo Giacoia Júnior. Após a tradução dos epitáfios, foi feita a seleção com base nos elementos percebidos como relevantes para a pesquisa. A partir da leitura dos textos teóricos, fez-se ainda uma revisão das traduções, buscando identificar nelas exemplos que corroborassem (ou negassem) as asserções nelas contidas.

A presente pesquisa justifica-se, de maneira ampla, pelo fato de o tema da morte ser inerente a todos os povos e culturas, em todos os tempos. Do ponto de vista da relação entre o homem e a morte, remetemos à afirmação de Oswaldo Giacoia Júnior (2005, p. 14-15):

“[...] é fundamental observar que a maneira como uma determinada sociedade se posiciona perante a morte e os seus mortos desempenha um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva, na medida em que essa integração da morte e da relação com ela constitui um dos elementos mais relevantes para a formação de uma tradição cultural comum.”

¹ Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/epitaphs.html>> Acesso em 15.abr.2010.

A morte e a preparação (ou não) para encará-la, inevitável que é, marcam de forma considerável a vida, seja no plano individual, seja no coletivo. Há diferentes maneiras de reagir à inevitabilidade da morte, e alguns epitáfios traduzidos são testemunhos disto, ora transmitindo solenidade e pesar, ora lidando de forma jocosa com aquela que Manuel Bandeira uma vez chamou “iniludível”.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Oswaldo Giacoia Júnior, estudar com atenção o modo como uma sociedade se porta diante da morte e, além disso, dos mortos, “desempenha um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva” (GIACOIA Jr., 2005).

Neste contexto, os epitáfios constituem-se um tipo de registro *sui generis* acerca da morte. O epitáfio é uma “inscrição sobre lápides tumulares ou monumentos funerários” (MOISÉS, 2004, p. 161); Ferreira (2004) coloca estes textos epigráficos como “expositores da vida íntima de algum povo”; José d’Encarnação (2010) os considera como “idéias selecionadas da imagem de si para os que ainda virão”. O teor dos epitáfios romanos escolhidos para este trabalho, retirados do sítio *The Latin Library*, referência nos estudos clássicos, reforçam as afirmações expostas pelos autores citados.

As traduções destes epitáfios revelam uma variação de tom diante da morte: umas vezes é patente o sentimento de dor pela perda de alguém querido, outras vezes a jocosidade presente nas inscrições. “[...] O tom do epitáfio varia desde o mais trágico até o mais jocoso” (MOISÉS, 2004, p. 161), o que será visto mais adiante nas traduções. Segundo José d’Encarnação (2010), as informações são gravadas pelo lapicida, que detém conhecimento sobre as fórmulas, teores e a moda das inscrições correntes num determinado período. A lápide, representando objetivamente a morte em si, além de ser parte de um bom negócio (pois que havia entre os antigos este ofício de lapicida), era também um espaço para demonstração de arte e sofisticação. Se compararmos os antigos com os modernos, especialmente tendo em vista o exemplo da recente divulgação na mídia da rivalidade entre famílias de mafiosos ucranianos através do luxo e da ostentação nas lápides, perceberemos

que resiste ainda em algum lugar esta maneira de valorizar a lápide, significando valorizar a vida de alguém (ao sinalizar, contraditoriamente, a sua morte).²

Veyne (2009) diz que os túmulos eram erguidos na beira das estradas e as informações contidas nos epitáfios, voltadas para os transeuntes que passavam pelas sepulturas. Os epitáfios serviam de explicação sobre quem era o morto ou o que fazia em vida (seu ofício, por exemplo); às vezes traziam palavras de consolação, dirigidas especialmente aos que sobrevivem; outras vezes faziam elucubrações a respeito dos vícios, da efemeridade da vida, tendo um caráter filosófico e às vezes didático.

² Notícia do Jornal O Globo sobre as lápides encomendadas pelas famílias dos mafiosos em Dnepropetrovsk, na Ucrânia. As famílias exibem túmulos cada vez mais caros, com fotos esculpidas com raios laser. Disponibilidade e acesso: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/cemiterio-exotico-de-familias-mafiosas-vira-atracao-na-ucrania.html> > 18.jun.2011

3 ESTUDO DOS EPITÁFIOS ROMANOS

3.1 Da etimologia do termo ‘epitáfio’

Etimologicamente, “epitáfio” vem do latim *epitaphius* e do grego *epitáphion* (de *epí*, “sobre”, e *táphos*, “túmulo”, “inscrição tumular”). Massaud Moisés, em seu “Dicionário de termos literários” (2007, p.161), assim se refere a ele:

“Designa a inscrição sobre lápides tumulares ou monumentos funerários. Conquanto remonte aos dias do antigo Egito, o epitáfio resumiu-se, praticamente até a época áurea dos gregos, a breves notícias (datas de nascimento e morte, nome, profissão). Os latinos não só o empregaram como prodigalidade como lhe concederam estatuto literário: às informações usais acrescentavam um elogio ao morto em forma de versos. [...] O tom do epitáfio varia desde o mais trágico até o mais jocoso ou mesmo satírico.”

O *status* literário dos epitáfios, ao qual Massaud Moisés faz alusão, justifica também esta pesquisa. Não se trata de uma literatura – e, por que não dizer, de um gênero literário – inferior; ao contrário, pode-se aprender através destes textos coisas que não encontraríamos na épica ou no drama, por exemplo.

3.2 Da importância dos epitáfios em latim

Como já mencionado, os epitáfios são elogios fúnebres gravados em lápides tumulares. José d’Encarnação lembra que “estamos perante uma mensagem sintética, pensada e que visa – se possível – alcançar a eternidade” (2010, p.15). Justificam-se os epitáfios nos cemitérios da atualidade: “eterna saudade” ou “aqui dorme seu sono eterno”... (figura 2).

Eternidade para os romanos, como se verá mais adiante, é para o público e não para a vida *post mortem*.



Figura 2: Epitáfio romano – Museu da Civilização, Roma.

Disponibilidade e acesso: <http://alenaar.wordpress.com/2007/12/08/la-escritura-y-el-arte-ii-de-roma-al-cristianismo-por-virginia-segui-collar/> 03.jul.2011

O mesmo autor ainda ressalta a definição de Giancarlo Susini: “[...] o Homem selecionou idéias para deixar de si uma imagem para os vindouros”, e destaca que a reconstituição de uma época sem o recurso aos documentos epigráficos é incompleta.

Os epitáfios, segundo Ferreira (2004), têm o privilégio de expor a vida íntima de uma determinada população. Neste caso, tem-se a sociedade romana como foco, visto que as inscrições funerárias estão na língua latina.

3.3 Do ofício de lapicida: do corte da pedra à inscrição

“*Lapicida* seria, literalmente, o que ‘cortava a pedra’” (d’ENCARNAÇÃO, 2010, p. 61). Seu trabalho se desenvolvia numa oficina. O trabalho variava de acordo com a encomenda, bem como o monumento epigráfico. Habitualmente, se tivesse ajudante, o *lapicida* contaria com: pedraria, cavouqueiro e canteiro; pediria ao chefe de uma pedreira mais próxima, que cortasse os blocos conforme os padrões de medidas. Antes desse processo de corte, José d’Encarnação identifica a figura do cavouqueiro – que retira a pedra bruta; após o corte, a pedra é manuseada pelo canteiro para enfim receber a inscrição. Caso não tivesse ajudante, o *lapicida* dono da oficina se encarregaria de fazer grande parte do trabalho: o desenho de tudo e a gravação.

O mesmo autor registra as fases de preparação do epitáfio: “*petram excidere, titulum facere, titulum polire, nomina inscribere, nomina scribere et sculperere*” (d’ENCARNAÇÃO, 2010, pp. 62-63).

“– *petram excidere*: cortar, na pedra, o bloco apropriado (obra do cabouqueiro, já se disse);
 – *titulum facere*: preparar o monumento às dimensões exigidas (trabalho do canteiro, como o será também a fase seguinte);
 – *titulum polire*: afeiçoar o conjunto para se preparar o campo epigráfico, ou seja, o lugar onde a inscrição será inserida;
 – *nomina inscribere*: fazer a paginação, isto é, estudar a melhor forma de gravar o texto no espaço disponível; esta operação seria, naturalmente, feita num ‘rascunho’ ou mesmo na própria pedra mas com ‘carvão’ ou ‘giz’ (diríamos hoje): uma operação que exige conhecimento da escrita, da possível forma de abreviar ou pôr em siglas algumas palavras por de mais conhecidas, conhecimento do objecto que tem o cliente, pois se tornará necessário dar, porventura, um módulo maior a determinada palavra, para salientar a sua importância;
 – *nomina scribere*, <escrever as palavras> implica a passagem, quase em jeito de desenhador, do texto já pensado para a pedra, respeitando os espaços, colocando a pontuação, alinhando à esquerda, segundo o eixo de simetria ou à esquerda e à direita; é trabalho do lapicida, a que, certamente, muitos canteiros se dedicavam também;
 – finalmente, *nomina sculperere*: a gravação.”

A elaboração do epitáfio não é da vontade única e exclusiva do cliente. Surge através das idéias previamente discutidas entre o lapicida e o encomendante. Assemelha-se ao que ocorre hoje, quando se quer pôr um anúncio no jornal ou mandar fazer um cartão de visita: o comprador pode exigir que o texto saia conforme foi planejado. Cabe ao redator ou a quem prepara os cartões indicar este ou aquele modelo. Da mesma forma, o encomendante já vem com a idéia pronta para o lapicida que, com seu conhecimento e experiência, adapta-a às circunstâncias, aos modelos, aos hábitos da oficina.

3.4 Do método de identificação do defunto

O nome, segundo José d’Encarnação (2010), “é elemento fundamental numa epígrafe romana”. Fundamental, pois o defunto é identificado e, havendo um texto honorífico atribuído

a ele, percebe-se que é homenageado, destacando-se sua função social e deveres. Embora sejamos todos *pulvis et umbra* (“pó e sombra”), os epitáfios distinguem socialmente os mortos.

O mesmo autor explica ainda que “nem sempre a identificação obedece às mesmas regras”, pois pode mudar de acordo com o ambiente de trabalho, com a função que se desempenha e também com a intimidade. Dessa forma, na Roma antiga, “o modo de identificação denuncia o estatuto social” e os Romanos tinham regras para a composição dos nomes: *praenomen*, *nomen* e *cognomen* (que compõem o *tria nomina*).

3.4.1 O *praenomen*

Como bem se pode deduzir, o *praenomen* é o que vem antes do *nomen* e tem como função principal a distinção, dentro da *gens* (“família”), entre os demais indivíduos do sexo masculino e do pai. Em algumas famílias, que pretendiam ter grande prole, os filhos recebiam o *praenomen* de acordo com a ordem de nascimento. Desta forma temos: *Primus*, *Quintus*, *Sextus*, *Decimus*. Outro caso não raro é que os pais davam seu *praenomen* aos filhos, pois havia pronomes característicos de cada família, semelhantes aos acréscimos de “Júnior”, “Filho”, “Bisneto”. É comum as mulheres não terem *praenomen*; nas raras famílias em que oficialmente as mulheres usavam *praenomen* isto é um sinal de privilégio.

Geralmente o *praenomen* é escrito em siglas, pois todos os romanos sabiam o seu significado. Vinham assim escritos de forma curta, semelhantemente ao que ocorre a alguns nomes nossos bastante comuns, tais como: M^a (Maria), Fco (Francisco). Referindo-se a Varrão, d’Encarnação (2010) menciona que foram usados até trinta *praenomina*, contudo apenas dezoito deles eram mais comumente utilizados.

3.4.2 O *nomen*

O *nomen* era, na verdade, o chamado gentílico, assim designado porque provinha da *gens* (“família”) do indivíduo. Corriqueiramente, possuía a terminação das desinências de caso Nominativo na Língua latina de *-ius* para masculino (*Plinius*) e a desinência *-ia* para a identificação dos elementos do sexo feminino (*Claudia*). Enquanto o gentílico incorporava todos os membros de uma mesma família, o *nomen* era transmitido seguindo a linhagem paterna. Por outro lado, assim como nem todos os *Santos* que existem numa cidade pertencem, necessariamente, à mesma família, da mesma forma teria acontecido em Roma.

3.4.3 O *cognomen*

Quando chegou o momento em que nem o *praenomen* nem o *nomen* davam conta da identificação de um romano, fez necessário adicionar mais um elemento (*o cognomen*) para que se fizesse distinção de pessoas. Geralmente o *cognomen* se referia a alguma característica física, de personalidade, de origem, enfim, algo que assinalasse a pessoa. Temos entre os ilustres da literatura latina alguns exemplos: *Publius Terentius Afer* (Públio Terêncio Africano, escritor de comédias, que nasceu na África), *Marcus Tullius Cicero* (Marco Túlio “grão-de-bico”, orador e cônsul, cujo antepassado, segundo a tradição, recebeu este *cognomen* por ter uma marca no nariz que se assemelhava a um grão-de-bico), entre outros.

3.5 Da publicidade dos epitáfios

Paul Veyne menciona a existência de “um direito de todos sobre a conduta de cada um” (2009, p.155), ou seja, o público tem grande influência sobre o particular. Não obstante,

todos podem se voltar a todos e julgar a todos, pois todos se conhecem ou se conjectura que se conhecem. Contudo, “um romano não pode ter intimidade pessoal”, mas o menor particular pode se dirigir ao “público” para fazer uma piada ou um anúncio, por exemplo.

De maneira notável, prevalece também idêntica publicidade nas tumbas, no que diz respeito à noção dos cemitérios antigos: “[...] à beira de estradas, que não pertenciam a ninguém, e era ali, na saída das cidades, que se erguiam os túmulos.” (VEYNE, 2009, p.156). Assim que saía das fronteiras da cidade, os viajantes se deparavam com duas fileiras de sepulturas que pretendiam chamar a atenção: “*Viajante, aquilo que digo é pouca coisa*” (Epitáfio B52, nº 3); “*Jovem, ainda que te apresses, esta lápide te roga que olhes para ela*” (Epitáfio B 848; nº 6). Os epitáfios ali escritos não se direcionavam tão somente aos amigos ou à família, mas para todos: destinavam-se para os passantes (daí a presença constante de palavras como “viajante”, “transeunte”, etc.).

Diferentemente dos epitáfios da modernidade, que não possuem destinatários e que falam diante do céu, os epitáfios romanos falavam sobre a firmeza com que o defunto seguiu os deveres para com a família e amigos e o seu papel social. Cita-se, a título de exemplo: “[...] além disso, de conduta apropriada. Guardou a casa. Fez lã. [...]” (epitáfio B 52, nº 3).

Explica Veyne que centenas de epitáfios foram encontrados por arqueólogos, e que sua multiplicação fora moda, tendo seu auge no século I e se extinguindo pouco a pouco no século III. A prática de se elaborar cuidadosamente um epitáfio não era reduzida aos altos nomes da sociedade romana, mas também aos simples particulares que, mesmo não sendo personalidades públicas, no mínimo viveram em público, e para o público deixam algo de si: “*Enquanto eu vivi, bebi com prazer. Bebei vós, que viveis.*” (Epitáfio B 243, Nº. 11); “[...] a ti, invejoso, desejo que vivas doente e pobre. [...]” (Epitáfio B1299, Nº. 10). Segundo o mesmo autor, “o morto tira a lição de sua vida para os vivos”, a quem compete julgar.

4 INSCRIÇÕES

4.1 Da seleção dos epitáfios

Com relação aos epitáfios que compõem o *corpus* de tradução, foram selecionados do sítio *thelatinlibrary.com* alguns que atendessem aos seguintes critérios: 1) que não estivessem fragmentados (algo comum, já que se trata de textos muito antigos, alguns encontrados em sítios arqueológicos); 2) que fossem variados (temas, tamanhos, com identificação do morto ou não), a fim de que se pudesse ter uma visão abrangente. De todos os que foram traduzidos, foram escolhidos doze epitáfios para este relatório, representativos da pesquisa realizada.

Como o próprio Moisés (2004) comenta, os antigos romanos podiam empregar aos seus epitáfios um tom ora trágico, de lamento, de pesar, tão intrinsecamente associados ao momento de perda de uma pessoa querida, ora um tom irônico, jocoso diante da inevitabilidade do morrer. Entretanto, com a leitura de Veyne e José d'Encarnação, foi possível observar outros tons manifestos nos epitáfios, que assinalamos como tons de consolação, de identificação e didático.

Dessa forma, os epitáfios foram distribuídos de acordo com o tom que cada um apresenta:

- ⇒ De caráter lamentoso;
- ⇒ De caráter de consolação;
- ⇒ De caráter de identificação;
- ⇒ De caráter didático;
- ⇒ De caráter jocoso;

A apresentação de cada qual dos epitáfios segue o seguinte esquema:

* Número de ordem dos epitáfios;

- * A identificação recebida pelo banco de dados *thelatinlibrary*;
- * Texto;
- * Tradução dos epítáfios;
- * Comentários.

4.2 Das traduções

4.2.1 De caráter lamentoso

Nº. 1

Epítáfio B 1051

*Tu pater et mater lacrumis retinete dolorem,
Nam fato raptam non potes eripere.*

Tu pai e tu mãe, retende a dor das lágrimas,
Pois não podes libertar a raptada pelo destino.

Os ritos fúnebres e a arte tumular, segundo Veyne (2009, p. 199), “multiplicavam as afirmações de todo tipo destinadas a reduzir a angústia que se antecipa ao momento de morrer”. Este epítáfio é destinado a suavizar as aflições dos pais e das mães que andam pelos cemitérios, tendo enterrado seus filhos.

Veyne (2009) lembra que de todos os lados a morte pode nos surpreender: um naufrágio, bandidos, uma crise de saúde. Neste caso, o epítáfio é específico ao pai e à mãe que perderam um ente querido muito próximo: uma filha. Por ser *fato raptam* (“raptada pelo destino”), deduz-se que morreu de forma inesperada, não havendo tempo, muito provavelmente, para os pais se despedirem da filha.

No entanto, o epítáfio não revela nas inscrições os nomes do defunto e do dedicante: a identificação se esconde sob uma simples alusão, conforme nos lembra d’Encarnação (2010). O epítáfio apresenta *pater*, *mater* e, provavelmente, a comunidade já os conhece.

Nº. 2

Epitáfio B 397

*Rapta sinu matris iacet hic miserabilis infas
ante novem plenos lunae quam viveret orbes.
hanc pater et mater maesti flevere iacentem
parvaque marmoreo clauserunt membra sepulchro.*

Aqui jaz, raptada do seio da mãe, esta pobre criança,
que morreu antes de nove trajetórias completas da lua.
Tristes, o pai e a mãe choraram esta que jaz,
e fecharam os pequenos membros neste sepulcro de mármore.

A tradução do epitáfio proporciona conhecer uma jovem criança que morreu prematuramente: ainda com poucos meses de nascida. Pode-se dizer que foi abortada naturalmente, morrendo ainda no ventre materno, ou nove meses após o nascimento.

A linguagem contida nos versos tenta amenizar a dor da perda, valendo-se de termos como: *raptada do seio da mãe* (termo *rapto* já observado no epitáfio anterior, que expressa uma morte inesperada), *pequenos membros* (de criança), mas o tom de tristeza é evidente: *pater et mater maesti flevere...* (**tristes**, o pai e mãe choraram...).

Os termos *iacet hic* (aqui jaz) e *iacentem* (que jaz) revelam o anseio à eternidade, que segundo José d'Encarnação (2010, p. 51), “é o tempo sustido, voluntariamente sustido”. O tempo parece ter parado: “ ‘Aqui jaz’ – Agora. Neste momento. Ainda”.

Nº. 3

Epitáfio B 52

*Hospes, quod deico paullum est, asta ac pellege.
Heic est sepulcrum hau pulcrum pulcrae feminae.
Nomen parentes nominarunt Claudiam.
Suom mareitum corde deilexit souo.
Gnatos duos creavit. Horum alterum
in terra linquit, alium sub terra locat.
Sermone lepido, tum autem incessu commodo.
Domum servavit. Lanam fecit. Dixi. Abei.*

Viajante, aquilo que digo é pouco coisa, para aqui e lê do início ao fim.
 Esta é a não bela sepultura de uma bela mulher.
 Quanto ao nome, os pais a chamaram Cláudia.
 Amou seu marido de todo o seu coração.
 Criou dois filhos. Um destes deixa em terra,
 o outro, sob a terra coloca.
 Modo de falar encantador, e, além disso, de conduta apropriada.
 Guardou a casa. Fez lã. Disse. Vai.

O epitáfio B52, na primeira linha, convida o passante para ler a inscrição tumular que conta um pouco sobre a vida de alguém. O lamento é manifestado na segunda linha do epitáfio, por parte do escrevente, que informa que “esta é a não bela sepultura de uma bela mulher” (com a fineza da litotes), pois o monumento epigráfico pode não estar à altura da beleza da pessoa sepultada. Esta beleza é mais que meramente física: no decorrer do epitáfio, percebe-se que se tratava de uma mulher e esposa exemplar segundo os costumes romanos.

É exposta, na linha três, a identificação da pessoa à qual é dedicado o epitáfio. Neste epitáfio, o nome a se tornar livre das unhas do esquecimento é Cláudia. Dificilmente se estabelecia regras quanto aos nomes de mulheres. Contudo, um dos costumes romanos era utilizar o *nomen* do pai no feminino, o que parece ser mais conveniente neste caso.

Do verso 4 ao 8, o epitáfio informa sobre o papel social de Cláudia: ela casou-se e no casamento foi feliz, pelo menos aparentemente. Com relação ao casamento, Paul Veyne relata duas morais: a antiga moral e a nova moral. “Na velha moral cívica, a esposa era apenas um instrumento da função de cidadão e chefe de família; fazia filhos e aumentava o patrimônio. Na segunda moral, a mulher é uma amiga; tornou-se ‘a companheira de toda uma vida’” (VEYNE, 2009, p. 47). Sendo assim, a nova moral pregava que “casar-se é um dos deveres do cidadão” (VEYNE, 2009, p. 48), logo, o casamento era algo explícito, algo público.

Levando em consideração que os epitáfios são inscrições tumulares voltadas ao público, nada mais justo que informar aos passantes o quanto a mulher Cláudia foi reta à moral romana. Conforme a linha quatro, ela cumpriu seu dever de companheira. No que diz

respeito a este epitáfio, tudo leva a crer que Cláudia teve apenas um marido com o qual teve dois filhos (sendo que um destes faleceu antes de Cláudia por causas não explicitadas) – versos 5 e 6. Isto a coloca também como mulher aprovada segunda a antiga moral.

As características e qualidades de Cláudia são mais evidentes nos versos 7 e 8. Mulher calma e de bons costumes, fazia lã, o que se esperava ser um dos talentos de uma típica mulher romana. O epitáfio, apresentando uma morta, revela uma característica das vivas daquele grupo social.

4.2.2 De caráter de consolação

Nº. 4

Epitáfio B 1532

*Cara mieis vixi, virgo vitam reddidi.
mortua heic ego sum et sum cinis, is cinis terrast,
sein est terra dea, ego sum dea, mortua non sum.
rogo te, hospes, noli ossa mea violare*

Eu vivi querida para os meus, jovem, ofereci a vida.
Eu aqui estou sepultada e sou cinza, e esta cinza é terra.
Mas se a terra é deusa, eu também sou deusa, não sou morta.
Rogo-te, viajante, não violes meus ossos.

O epitáfio número quatro revela uma mulher amada por seus familiares e que “ofereceu a vida” (morreu) ainda jovem. Apesar do lamento mediante a morte, a inscrição tumular expõe maior tom de **consolação**.

Para os passantes que leem o epitáfio, o sentimento não é pesar ou de tristeza, mas de conforto. Para Veyne (2009, p. 210), “o importante é que os romanos fugiam da morte no mito em geral; as belas imagens míticas [...] propunham-se estetizar a morte, não entristecê-la; nisso eram cheias de significado”. Na leitura do epitáfio, a figura construída é de cinza – que está ligada à morte e é símbolo de eterno retorno – e da deusa *Tellus Mater*, a Mãe-Terra, que,

segundo Brandão (1986, p.185), “concede e retoma a vida”. Por isso pode-se encontrar em alguns cemitérios, como o São João Batista do Estado do Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, inscrições como *Reuertere ad locum tuum* (volta a teu lugar), fazendo alusão à terra. De qualquer maneira

[...] esse *regressus ad uterum*, essa descida ao útero da terra, tem sempre o mesmo significado religioso: a regeneração pelo contato com as energias telúricas; morrer para uma forma de vida, a fim de renascer para uma vida nova e fecunda.

Logo, a tristeza não sobressai, pois a defunta não está morta, mas agora é deificada, ou seja sua situação agora é ainda melhor – por isso, não vale a pena chorar.

Nº. 5

Epitáfio B 1420

*Patricium domus haec aeterna laude tuetur:
astra tenent animam, caetera tellus habet.*

Esta morada protege um patricio com eterna honra:
As estrelas recebem a alma, a terra guarda o restante.

Domus haec está se referindo ao túmulo: “eterna morada onde tudo se prolonga quando tudo cessou e onde o nada toma as aparências consoladoras de uma identidade monótona” (VEYNE, 2009, p. 199) Este túmulo protege não uma pessoa qualquer, mas um nobre. “As "honras" são os cargos públicos, geralmente anuais, dos quais estava revestido e cuja lembrança permanece como uma espécie de título de nobreza” (VEYNE, 2009, p. 93).

Com o mesmo teor de consolação, a figura construída neste epitáfio é a da alma do morto conduzida às estrelas para a imortalidade, enquanto a *tellus* (já observada no epitáfio anterior) guarda o corpo. Trata-se de um ambiente não realista, mas uma forma, como já dito, de fugir da morte.

4.2.3 De caráter de identificação

Nº. 6

Epitáfio B 848

*Adulescens, tam etsi properas, hic te saxsolus
rogat ut se aspicias, deinde ut quod scriptust legas.
hic sunt ossa Maeci Luci sita
Pilotimi vasculari.
hoc ego vole[bam] nescius ni esses. vale.*

Jovem, ainda que te apresses, esta lápide
te roga que olhes para ela e depois leias o que foi escrito.
Aqui estão os ossos sepultados de Mécio Lúcio Pilótimo,
fabricante de vasos.
Eu queria que (tu) não fosses desconhecedor disto. Adeus.

O epitáfio atrai a atenção do passante chamando-o “jovem”. Esta forma de tratamento é bastante comum, e conduz especialmente à compreensão de que os jovens devem ser alertados a respeito da brevidade da vida, para que possam melhor usufruir dela.

O defunto expõe três nomes (*tria nomina*): *Maeci Luci Pilotimi*. No epitáfio exposto, o que distingue o defunto *Maecii* de outros *Maecii* é, além de seu nome, o seu ofício: fabricante de vasos (*vasculari*).

Observa-se ainda que o nome do morto foi gravado no Genitivo, que é uma desinência de caso latino que exprime a função de adjunto adnominal restritivo (de posse, especificação, autoria, qualidade...). Neste âmbito, pode-se interpretar o uso do genitivo do nome do defunto neste epitáfio para exprimir o sentido de que os ossos e, por extensão, o túmulo são realmente propriedade única e restrita do morto. Ferreira (2004) lembra Neila (1991) ao dizer que este aspecto está relacionado com o direito do defunto de ser proprietário de uma fração de terreno para ser sepultado (*ius sepulchri*).

Nº. 7

Epitáfio B 1609

*D(is) M(anibus) s(acrum). memoriae aeternae C.
Valeri Saturnini, qui vix(it)
annis noviens denis, prope convenientibus annis.
h(ic) s(itus) e(st): o(ssa) t(ibi) b(ene) q(ui)escant).*

Consagração aos deuses Manes: à memória eterna de C.
Valério Saturnino, que viveu noventa anos,
quase a idade conveniente.
Aqui jaz: que teus ossos descansem bem.

Afirma Ferreira que a presença da fórmula “consagração aos deuses Manes” nos túmulos funerários tem o desejo de “preservar a sepultura de violações através da indicação da pertença do local a estas divindades do Além”. “À memória eterna” realça o desejo por parte dos vivos de perpetuar o morto, C. Valério Saturnino, grafado no genitivo, caso já observado no epitáfio anterior (n. 6).

O nome do defunto é composto de *praenomen* – C. (provavelmente – *Cai* – Caio), o *nomen* - *Valeri* (Valério) e o *cognomen* – *Saturnini* (Saturnino – habitante de Satúrnica). Não destaca o ofício do morto, mas faz menção da idade. O arredondamento da idade por lustros (ou decênios – *noviens denis*) era prática corrente.

4.2.4 Caráter didático

Nº. 8

Epitáfio CIL 6.15258

*Balnea vina Venus corrumpunt corpora nostra,
set vitam faciunt b(alnea) v(ina) V(enus).*

Os banhos, os vinhos e os prazeres do amor corrompem nosso corpo,
mas os banhos, os vinhos e os prazeres do amor fazem a vida.

Como já citado, o morto tira a lição de sua vida e expõe sua opinião aos passantes, oferecendo-lhes um ensinamento. O banho não era um hábito simplesmente destinado à limpeza do corpo: era um prazer complexo. Nos banhos, para Veyne, “o maior prazer era estar em multidão, gritar, encontrar pessoas, escutar as conversas, saber de casos curiosos que seriam objeto de anedotas e exhibir-se” (Veyne, 2009, p. 181).

A melhor parte do jantar é aquela em que se bebe à vontade, e beber designava os prazeres da mundanidade, bem como os prazeres do amor. Contudo, havia uma atitude tradicionalista entre os antigos romanos que condenava tais prazeres. Diz Veyne (2009, p. 168): “Havia um tempo para cada coisa, e o prazer não era menos legítimo que a virtude”. O epitáfio admite que os prazeres corrompem o corpo; todavia, apontando para a brevidade da vida, aconselha o passante a gozar a vida enquanto é tempo. Afinal de contas, o corpo não é, de fato, eterno, sendo a corruptibilidade uma de suas características. As coisas que lhe dizem respeito (incluindo as que o corrompem) também sofrem a efemeridade.

Nº. 9

Epitáfio B 1493

Ulterius nihil est morte neque utilius.

Nada é mais distante e mais útil do que a morte.

O epitáfio expressa um ensinamento acerca da morte. A morte é distante, pois ninguém prevê quando ou onde vai morrer. Ela se torna algo mais distante (ou, pelo menos, improvável) ainda para os jovens. A morte é útil, pois “é o repouso após uma longa viagem; idéia resignada: esta vida é apenas um breve trajeto” (Veyne, 2009, p. 199).

4.2.5 De caráter jocoso

Nº. 10

Epitáfio B 1299

*Quid lacrimas? factum est, | vir bone, vive vale. |
sed tibi, invide, opto, qui | ossucula mea hic sita esse | gemis,
morte tardata vivas | aeger inops.**

O que lamentas? Está feito, homem bom. Vive, passa bem.
Mas a ti, invejoso, desejo que vivas doente e pobre e,
Demorada a morte, que tu lamentes os meus ossinhos
estarem aqui sepultados.

O epitáfio aqui traduzido tenta chamar a atenção dos transeuntes com uma pergunta: “O que lamentas?” Não segue necessariamente as fórmulas pré-determinadas dos epitáfios, como *Hospes* ou *Viator*. Apesar disso, não há dúvida de que esteja voltado para o público.

“Está feito”, “está acabado” (ou seja, *factum est*, em que *factum* permite associação com outra palavra, *fatum*, o “destino”, contra o qual nada se pode fazer, na crença dos romanos): à inevitabilidade da morte o epitáfio acrescenta uma saudação (“vive, passa bem”) aos homens bons que o lêem.

Para Veyne (2009, p. 158), “os romanos não lavavam roupa suja em casa: faziam limpeza pública”, ou seja, o epitáfio também exerce um papel de censura pública; o defunto expõe o que os seus inimigos fizeram. Na atualidade, escrever coisas como estas é sujar a sublimidade da morte, contudo, para os romanos, era permitido o epitáfio amaldiçoar o invejoso a viver “doente e pobre”, por nem da morte ser digno.

Nº. 11

Epitáfio B 243

*Dum vixi, bibi libenter. bibite vos, qui vivitis!**

Enquanto eu vivi, bebi com prazer. Bebei vós, que viveis.

Para os romanos era importante reunir-se para se banquetear, o que unia a sociabilidade e o prazer de beber. Ao que se percebe, o defunto deste epitáfio bebia com muita frequência, e festejava bastante. Dessa forma, para mostrar que viveu bem (para muitos ainda hoje viver bem e prosperamente significa ter sempre bebida para consumir em casa) e que participou de muitos banquetes e gozou bastante sua vida, o defunto o coloca no epitáfio: quando vivo, bebeu com prazer. Ou seja, não é só beber para esquecer as mágoas, mas com a satisfação de estar entre os amigos. Para se despedir, o texto convida os passantes a fazerem o mesmo: beber, e beber com prazer, já que depois da morte nada mais será possível usufruir dos prazeres da vida.

Nº. 12

Epitáfio B 838

*Hospes, ad hunc tumulum ne meias ossa precantur
tecta hominis. Set si gratus homo es, misce bibe da mi.**

Viajante, não mijes neste túmulo, os ossos cobertos do homem suplicam.
Mas, se és um homem agradável, mistura (o vinho), bebe, e me dá.

O defunto propõe um pedido um pouco inusitado para uma inscrição tumular: que não mijem em seu túmulo. Trata-se de uma palavra de calão, que não deveria estar em um lugar sagrado como uma lápide.

O epitáfio expõe um morto que, quando vivo, também bebeu com prazer, semelhante ao epitáfio nº. 11. Era costume dos romanos, antes ou depois de beber, derramar gotas de vinho no chão em devoção aos deuses (*libatio*) e, como o morto é um deus Manes agora, quer a parte que lhe cabe: vinho. Mesmo morto, ainda deseja desfrutar dos prazeres mundanos.

5 CONCLUSÃO

Traduzidos os epitáfios, foi possível perceber a partir da mensagem escrita neles as maneiras diferentes pelas quais os romanos se relacionavam com a morte. Ora de maneira solene e pesarosa, ora com humor e ironia, os epitáfios materializam a preparação dos vivos para a morte, com todo o mistério que encerra esta passagem.

Existe quase sempre um interlocutor para o epitáfio: um passante, um viajante, às vezes chamado simplesmente de “jovem”, para quem a morte pode parecer algo ainda muito afastado. Seja para chorar ou para gracejar a respeito da brevidade da vida, todo epitáfio é escrito obviamente para ser lido, no que a dimensão individual/privada se transfere para a dimensão coletiva/pública, deixando para os transeuntes um conselho ou ensinamento, ou até mesmo uma mensagem de consolo. Deseja-se manter, via de regra, a identificação e o *status* social do morto, quando algum *status* ele possuía, seja através da designação de seu ofício, seja através do louvor de seu papel familiar bem cumprido.

A pesquisa prossegue com novas traduções e a busca de outros elementos que corroborem – ou que contradigam – o que se desenvolveu até aqui. Espera-se também descobrir novos dados que ajudem a compreender melhor esta dupla relação dos romanos com a morte, expressa através dos epitáfios.

6 FONTES E REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Sousa. **Mitologia Grega**. Vol. 1. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

D'ENCARNAÇÃO, José. **Epigrafia – As Pedras que Falam**. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

_____. **A epígrafe latina como elemento didático**. Boletim de Estudos Clássicos. Coimbra. 25, 1996, p. 48-52.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 7ª ed. Brasília: FAE, 1994.

FERREIRA, Ana Paula Ramos. **Epigrafia funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade?** Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2004

FURLAN, Oswaldo A.; BUSSARELLO, Raulino. **Gramática básica do latim**. 3. edição. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.

GIACOIA Jr., Oswaldo. “A visão da morte ao longo do tempo.” Simpósio: MORTE: VALORES E DIMENSÕES. Revista Medicina, Ribeirão Preto, 2005; 38(1): p. 13-19.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

THE LATIN LIBRARY. **Roman epitaphs**. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/epitaphs.html>>

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português**. Trad. Antonio Houaiss. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

7 CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago 2010	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2011	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
	Seleção e tradução dos epitáfios	R	R	R	R								
	Leitura e fichamento de textos teóricos			R	R	R	R						
	Revisão das traduções						R	R					
	Elaboração do artigo								R	R	R		
	Revisão do texto dissertativo											R	
	-- Elaboração do Resumo e Relatório Final (atividade obrigatória) - Preparação da Apresentação Final para o Congresso (atividade obrigatória)												R P

R - Realizado

P – Previsto